



Influência da parentalidade, estilos e práticas parentais no desenvolvimento infantil: revisão integrativa

Influence of parenting, parenting styles, and practices on child development: an integrative review

Influencia de la parentalidad, los estilos y las prácticas parentales en el desarrollo infantil: una revisión integrativa

RESUMO

Objetivo: Descrever as evidências científicas sobre a influência da parentalidade, dos estilos e das práticas parentais no desenvolvimento de crianças na primeira infância. **Método:** Revisão integrativa da literatura. A busca bibliográfica incluiu artigos publicados em português, inglês e espanhol, no período de 2018 a 2023, cujas versões completas estavam disponíveis gratuitamente, indexadas nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed, Scopus, PsycINFO e Embase. **Resultados:** Foram incluídos 30 estudos, a maioria conduzida nos Estados Unidos e em países europeus, com predominância de abordagem quantitativa (83,3%). Os achados indicam que a parentalidade, assim como os estilos e práticas parentais, influenciam significativamente o desenvolvimento infantil na primeira infância. Práticas parentais positivas estão associadas a melhores resultados para as crianças, incluindo maior autorregulação, competência social e desempenho acadêmico. Além disso, características de personalidade de pais e mães demonstram impacto em diferentes domínios do neurodesenvolvimento, como cognição e motricidade. **Considerações finais:** Os estilos e práticas parentais exercem forte influência no desenvolvimento infantil, especialmente na primeira infância, afetando aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Práticas parentais positivas estão associadas a melhores resultados para as crianças, reforçando a importância de intervenções, políticas públicas e atuação multiprofissional, como a do enfermeiro, para promover vínculos saudáveis e ambientes familiares favoráveis ao desenvolvimento.

Descritores: Poder familiar; Criança; Lactente; Pré-escolar; Recém-nascido.

ABSTRACT

Objective: To describe the evidence of the relationship between parental styles and practices in the development of children in early childhood. **Method:** Integrative literature review. The survey comprised articles published in Portuguese, English and Spanish, from 2018 to 2023 and which had their full version available free of charge, indexed in the Virtual Health Library (VHL) databases, including LILACS, Medline and BDNF, PubMed, Scopus, PsycINFO and Embase. **Results:** 30 studies were selected to compose this review. Most studies were carried out in the USA and European countries. Regarding the methodological nature, 25 are quantitative (83.3%) and 5 are qualitative (16.7%). **Final remarks:** Parenting styles and practices have a strong influence on child development, especially in early childhood, affecting cognitive, emotional, and social aspects. Positive parenting practices are associated with better outcomes for children, reinforcing the importance of interventions, public policies, and multiprofessional actions — such as those carried out by nurses — to promote healthy bonds and family environments that support development.

Descriptors: Family power; Child; Infant; Preschool; Newborn.

RESUMEN

Objetivo: describir la evidencia de la relación entre estilos y prácticas parentales en el desarrollo de los niños en la primera infancia. **Método:** Revisión integrativa de la literatura. La encuesta comprendió artículos publicados en portugués, inglés y español, de 2018 a 2023 y que tenían disponible gratuitamente su versión completa, indexados en las bases de datos de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS), entre ellas LILACS, Medline y BDNF, PubMed, Scopus, PsycINFO y Embase. **Resultados:** Se seleccionaron 30 estudios para componer esta revisión. La mayoría de los estudios se llevaron a cabo en Estados Unidos y países europeos. En cuanto al carácter metodológico, 25 son cuantitativos (83,3%) y 5 cualitativos (16,7%). **Consideraciones finales:** Los estilos y prácticas parentales ejercen una fuerte influencia en el desarrollo infantil, especialmente en la primera infancia, afectando aspectos cognitivos, emocionales y sociales. Las prácticas parentales positivas están asociadas a mejores resultados para los niños, lo que refuerza la importancia de las intervenciones, las políticas públicas y la actuación multiprofesional — como la del enfermero — para promover vínculos saludables y entornos familiares favorables al desarrollo.

Descriptores: Poder familiar; Niño; bebés; Preescolar; Recién nacido.

Giulia Tavares Caldas Vaccarezza¹

id 0009-0000-9509-2232

Delma Aurélia da Silva Simão¹

id 0000-0003-0961-8213

Gabriella Cristina Vespasiano Rocha¹

id 0009-0001-1194-0255

Juliana de Oliveira Marcatto¹

id 0000-0002-6870-8414

Suelen Rosa de Oliveira¹

id 0000-0002-7330-6102

¹ Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Autor correspondente:

Delma Aurélia da Silva Simão
enfdelma@gmail.com

INTRODUÇÃO

A família é o cenário central na vida das crianças, uma vez que é um espaço privilegiado de aprendizagem dos pilares essenciais da comunicação, das habilidades motoras e adaptativas⁽¹⁾. Adicionalmente, é no ambiente familiar, mas, principalmente, na relação entre pais e filhos, que as crianças internalizam e externalizam as normas e práticas sociais e estabelecem os alicerces para a socialização na vida adulta⁽²⁾. Nesse sentido, a parentalidade é definida como interações, emoções, crenças, atitudes, práticas, conhecimentos e comportamentos dos pais, associados à prestação de cuidados integrais à criança⁽³⁾.

Os padrões de comportamento adotados pelos pais têm repercussões significativas nas crianças, moldando não apenas a personalidade, mas também influenciando o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas⁽⁴⁾. Para explicar isso, um modelo amplamente utilizado para examinar a relação de pais/cuidadores e filhos define estilos parentais como uma combinação de atitudes e práticas adotadas pelos pais em relação aos filhos. De acordo com esse modelo, os valores e crenças parentais, juntamente com o temperamento da criança, moldam o estilo parental. Baumrind identificou três estilos parentais: autoritativo, autoritário e indulgente/permissivo⁽⁵⁾. À medida que os estudos avançaram nessa área, foi acrescentado outro estilo parental: o negligente⁽⁶⁾.

O estilo **autoritário** se caracteriza por altos níveis de exigência e baixos níveis de responsividade. São pais/responsáveis fortemente controladores, com frequentes comportamentos punitivos que, na maioria das vezes, frustram os

filhos. O estilo **indulgente/permissivo** é aquele no qual os pais/responsáveis apresentam baixos níveis de exigência e altos níveis de responsividade. É marcado pela dificuldade dos pais de colocar limites nas crianças, repercutindo em excesso de flexibilidade e evitação de conflitos, além de forte tendência a não reconhecer ou não corrigir maus comportamentos. No estilo **negligente/ausente**, verificam-se baixos níveis tanto de exigência quanto de responsividade. Nesse estilo, os pais/responsáveis não se engajam ou se engajam pouco na vida das crianças, bem como não demonstram interesse em oferecer assistência. Já no estilo **autoritativo/democrático/participativo**, os pais demonstram altos níveis de exigência e, ao mesmo tempo, de responsividade. Pais/responsáveis têm padrões de comportamento baseados no respeito à individualidade dos membros da família, sendo um reflexo da abertura para o diálogo e do desejo de promover a autonomia do filho⁽⁶⁾.

As práticas parentais têm a capacidade de gerar comportamentos específicos nas crianças e são empregadas pelos pais/responsáveis para alcançar objetivos diretos, frequentemente envolvendo estratégias para evitar comportamentos ou ações considerados socialmente inadequados. Por outro lado, os estilos parentais não apenas incorporam práticas parentais, mas também são influenciados por outros fatores que afetam indiretamente a criança, como o temperamento e o comportamento dos pais. Juntos, eles constituem o conjunto de atitudes parentais expressas por meio das ações de ambos os cuidadores, criando uma influência emocional importante na criança⁽⁷⁾.

Assim, este estudo leva em consideração a problemática entre a influência

do comportamento de pais/responsáveis sobre o desenvolvimento de crianças na primeira infância. Sabe-se que essa fase da vida se destaca pelo forte potencial de neuroplasticidade e epigenética, sendo considerada período de ouro da vida humana e uma janela de oportunidades para a formação de um indivíduo pleno em suas habilidades e competências singulares⁽³⁾.

No contexto das práticas de profissionais de saúde, especialmente aquelas relacionadas ao cuidado integral de crianças na primeira infância, tem-se intensificado o questionamento sobre a possível influência das práticas e estilos parentais nos padrões de crescimento e desenvolvimento observados e/ou relatados durante as avaliações clínicas. Buscar uma resposta para esse questionamento pode trazer benefícios às atividades assistenciais, especialmente no que se refere à saúde da família e da criança. A partir desse entendimento, torna-se possível, inclusive, planejar e implementar ações que favoreçam o desenvolvimento de competências e habilidades parentais, como o fortalecimento dos laços afetivos entre pais e filhos e a validação de comportamentos parentais adequados às necessidades de saúde, segurança, autonomia e qualidade de vida da criança. Ainda, esse conhecimento tem o potencial de ajudar na superação de dificuldades relacionadas à parentalidade, reduzindo os sentimentos de culpa e impotência, com possíveis repercussões positivas na autoestima parental e no desenvolvimento das crianças de 0 a 6 anos. Diante desse contexto, o objetivo desta revisão é descrever as evidências científicas sobre a influência da parentalidade, dos estilos e das práticas parentais no desenvolvimento das crianças na primeira infância.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional. Esse método tem a finalidade de reunir e sintetizar os resultados de pesquisas acerca de um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, com o objetivo de obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores⁽⁸⁾.

A construção desta revisão ocorreu em seis etapas, seguindo as orientações de Mendes, Silveira e Galvão⁽⁹⁾, sendo elas: a identificação do tema e definição da questão de pesquisa; o estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; definições das informações a serem extraídas dos estudos selecionados e categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos; interpretação dos resultados; e apresentação da revisão e síntese do conhecimento.

A pergunta de pesquisa foi desenvolvida considerando o objeto de estudo e o objetivo proposto, sendo assim definida: Como a parentalidade, o estilo e as práticas parentais influenciam no desenvolvimento das crianças na primeira infância?. Utilizou-se a estratégia PCCo para formulação da pergunta, sendo "P" para população/participantes; "C" para o conceito que se pretende investigar; "Co" para contexto⁽¹⁰⁾. Essa estratégia envolve a identificação precisa e a definição clara do problema a ser abordado, a exploração do conceito teórico relacionado ao problema e a análise minuciosa do contexto em que o problema se insere, contribuindo assim para uma análise aprofundada do tema e um maior embasamento para as conclusões de trabalhos científicos⁽¹¹⁾. Ajustando-se o mnemônico ao objeto deste estudo, tem-se: P: pais de crianças na

primeira infância; C: estilos e práticas parentais; Co: desenvolvimento de crianças de 0-6 anos.

A busca bibliográfica foi conduzida nas bases de dados eletrônicas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed; Scopus; PsycINFO e Embase. A estratégia de pesquisa foi elaborada a partir da seleção dos Descritores em Saúde (DeCS), tanto em português quanto em espanhol, e os termos equivalentes em inglês por meio do Medical Subject Heading (MeSH). Foram escolhidos os seguintes descritores: "poder familiar", "criança", "lactente", "pré-escolar" e "recém-nascido". Para a

realização dos cruzamentos nas bases de dados, foi usado como estratégia de busca a combinação dos descritores com os operadores booleanos AND e OR (Quadro 1). A escolha dos descritores, DeCS e MeSH foi feita com base em uma análise cuidadosa do tema central do estudo, buscando termos que melhor representassem o conteúdo e facilitassem a recuperação da informação. Para garantir a precisão, houve apoio de um bibliotecário especializado, que orientou na seleção dos termos mais adequados e na utilização das melhores práticas de indexação.

Quadro 1. Estratégia de busca bibliográfica nas bases de dados

Base	Estratégia de busca
BVS	(poder familiar) OR (parenting) OR (responsabilidad parental) AND (lactente) OR (infant) OR (lactante) AND (pré-escolar) OR (preschool) OR (preescolar) AND (recém-nascido) OR (newborn) OR (recién nacido) AND (criança) OR (child) OR (niño)
PubMed	(Parenting) AND (Infant) AND (Preschool) AND (Newborn) AND (Child)
Scopus	(Parenting) AND (Infant) AND (Preeschool) AND (Newborn) AND (Child)
PsycINFO	Any Field: parenting AND Any Field: infant AND Any Field: preschool AND Any Field: newborn AND Any Field: child AND Year: 2018 To 2023
Embase	('parenting'/exp OR parenting) AND ('infant'/exp OR infant) AND ('preschool'/exp OR preschool) AND ('newborn'/exp OR newborn) AND ('child'/exp OR child).

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

A seleção dos trabalhos considerou os seguintes critérios de inclusão: trabalhos derivados de pesquisas (artigos originais, revisões sistemáticas e metanálise) e literatura cinzenta (monografias, dissertações e teses). O levantamento compreendeu trabalhos publicados em português, inglês e espanhol, no período de 2018 a 2023, cujas versões completas estavam disponíveis gratuitamente.

A revisão da literatura foi realizada em duas etapas, de forma independente,

por duas pesquisadoras: seleção dos artigos com base nos títulos e resumos e, em seguida, leitura completa dos estudos para definir a amostra final. Para cada etapa descrita, as pesquisadoras se reuniram para confrontar os achados e eventuais divergências foram resolvidas por consenso. Os dados foram extraídos para uma tabela padronizada no Microsoft Excel®, na qual constavam as seguintes informações: título, autor principal, ano de publicação, país de publicação, objetivo,

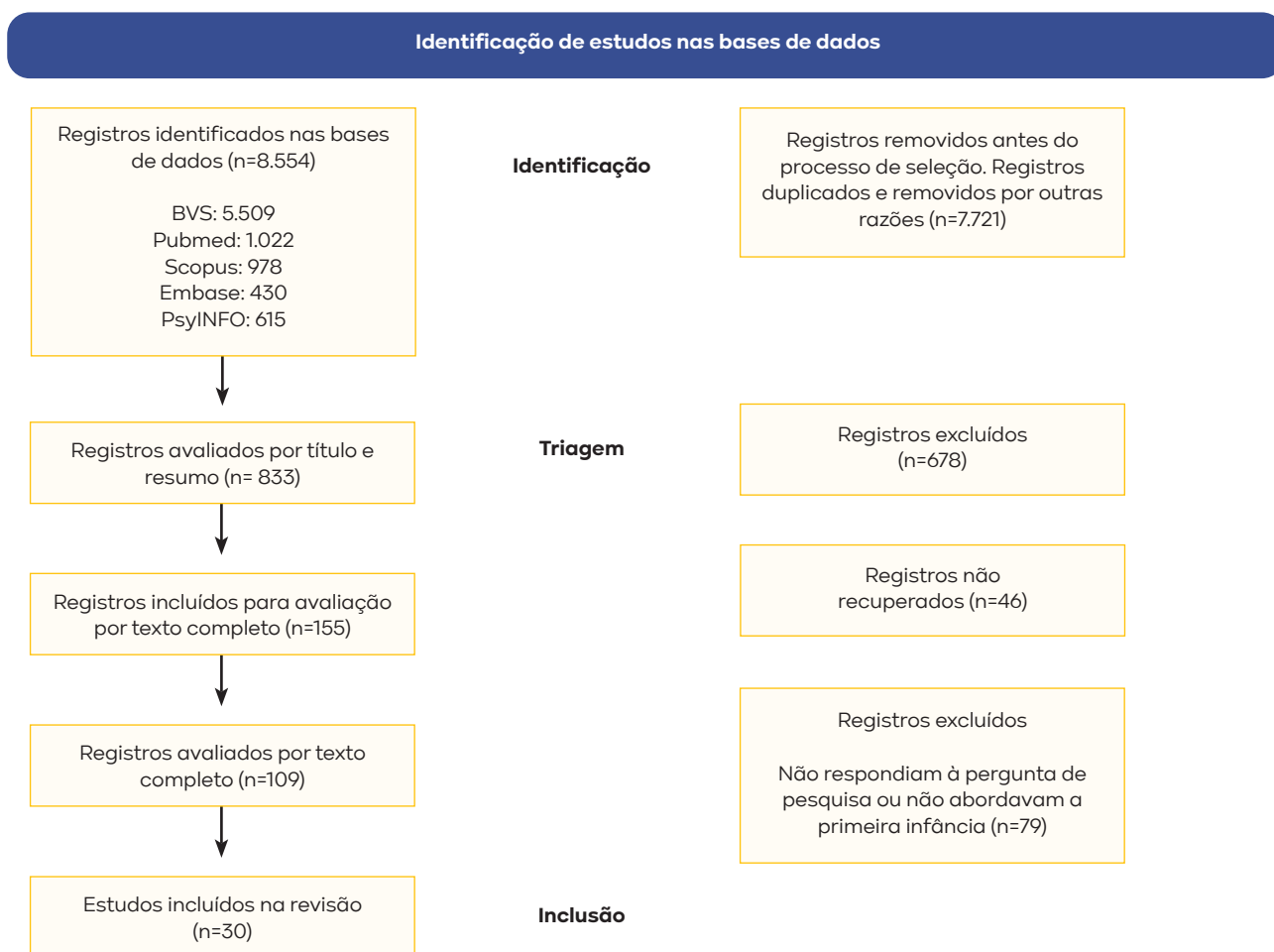
desenho do estudo, tamanho e idade da amostra e resultados principais. O nível de evidência foi avaliado por meio da ferramenta AACN (American Association of Critical-Care Nurses), que classifica os estudos em seis níveis, incluindo abordagens qualitativas, revisões integrativas e estudos observacionais⁽⁹⁾.

Os dados foram sintetizados e organizados em categorias temáticas para facilitar a interpretação dos resultados, que foram apresentados por meio de uma abordagem narrativa e em tabelas. Foi adotada uma análise descritiva, destacando padrões e tendências recorrentes entre os estudos, com o intuito de proporcionar uma visão geral das principais características e achados dos estudos incluídos.

RESULTADOS

Inicialmente, foram identificados 8.554 artigos. Após a aplicação de filtros e a exclusão de duplicatas, 833 estudos foram selecionados para leitura de títulos e resumos. Destes, 109 foram recuperados para leitura na íntegra.

Depois dessa etapa, 79 estudos foram excluídos por não abordarem a primeira infância ou não responderem à pergunta de pesquisa. Assim, a amostra final desta revisão integrativa foi composta por 30 estudos. O processo de seleção dos está descrito na Figura 1, conforme fluxograma proposto pelo Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta Analyses ^(12,13).



Fonte: Adaptado de Page et al., 2021.

Os estudos incluídos na amostra final foram conduzidos em 14 países, com maior representatividade nos Estados Unidos, 7 (23,3%) e no Canadá, 5 (16,7%). Em relação à abordagem metodológica, 25 estudos

eram quantitativos (83,3%); e 5, qualitativos (16,7%). Quanto ao idioma, 21 estavam em inglês (70,0%); 5, em português (16,7%); e 4, em espanhol (13,3%). O Quadro 2 detalha as características dos estudos.

Quadro 2. Caracterização dos artigos incluídos na revisão integrativa, ordenados por data de publicação

Código	Autores/ano/país	Tipo de estudo e nível de evidência	Tamanho e idade da amostra	Principais resultados
1	Wall (2018) ⁽¹⁴⁾ Canadá	Estudo de caso qualitativo Nível 6 de evidência	88 crianças de 0 a 7 anos	Crianças que desenvolvem um vínculo seguro tendem a confiar em seus cuidadores como fonte de apoio emocional e segurança. Crianças com vínculo ansioso-ambivalente podem demonstrar preocupação excessiva com a disponibilidade de seus cuidadores, enquanto aquelas com vínculo evitativo tendem a evitar a proximidade emocional.
2	Woodward et al. (2018) ⁽¹⁵⁾ Estados Unidos	Estudo longitudinal observacional Nível 2 de evidência	976 crianças de 7 a 36 meses	As características de personalidade de pais e mães afetam diretamente o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças e influenciam os estilos parentais.
3	Silva et al. (2018) ⁽¹⁶⁾ Brasil	Revisão integrativa da literatura Nível 5 de evidência	18 estudos analisaram crianças de 0 a 5 anos	As características de personalidade de pais e mães podem ressoar em diferentes comportamentos em relação à parentalidade. As dimensões da personalidade parental, como extroversão e amabilidade, se relacionaram a uma parentalidade positiva e a um melhor desenvolvimento cognitivo em crianças.
4	Gomez et al. (2018) ⁽¹⁷⁾ Estados Unidos	Estudo observacional transversal Nível 4 de evidência	64 crianças de 3 a 5 anos	Quanto maior o envolvimento familiar, o afeto, reconhecimento, a comunicação e o controle do estresse parental, melhores são as capacidades socioemocionais das crianças. Maior desenvolvimento emocional das crianças se traduz num comportamento parental mais positivo.
5	Olla et al. (2018) ⁽¹⁸⁾ Indonésia	Estudo qualitativo com abordagem fenomenológica Nível 6 de evidência	60 crianças de 0 a 5 anos	Pais que controlavam estritamente os filhos para atingir valores e expectativas frustraram-se, pois as crianças não atenderam às expectativas esperadas. Adicionalmente, os problemas vivenciados pelas crianças eram o resultado do estilo parental autoritário.
6	McDonald et al. (2019) ⁽¹⁹⁾ Canadá	Estudo de coorte prospectivo Nível 4 de evidência	1.994 crianças de 0 a 3 anos	As experiências adversas na infância aumentam o risco de alterações induzidas pelo estresse nos sistemas neurobiológicos de uma criança, com efeitos

Continua

Código	Autores/ano/país	Tipo de estudo e nível de evidência	Tamanho e idade da amostra	Principais resultados
				duradouros. Mães que sofreram experiências adversas na infância adotam um estilo parental inadequado e tiveram filhos com níveis mais altos de problemas de comportamento infantil.
7	Neel et al. (2019) ⁽²⁰⁾ Estados Unidos	Revisão de escopo Nível 5 de evidência	27 estudos analisaram crianças de 0 a 17 anos	A responsividade dos pais foi o único eixo parental associado à melhora da cognição e do comportamento da criança. A exigência dos pais está associada à melhoria da cognição da criança. A afetividade e a rejeição dos pais estão associadas ao comportamento infantil.
8	Jiyang et al. (2020) ⁽²¹⁾ China	Ensaio clínico controlado não randomizado Nível 3 de evidência	134 crianças de 0 a 3 meses	O neurocomportamento infantil a termo foi associado ao envolvimento parental, sugerindo que essas práticas parentais positivas apoiam melhor o desenvolvimento neurocomportamental precoce dos bebês.
9	Hattangadi et al. (2020) ⁽²²⁾ Canadá	Estudo de coorte prospectivo Nível 4 de evidência	148 crianças de 0 a 48 meses	O estresse parental durante a infância foi significativamente associado a problemas de saúde mental em crianças de 3 anos.
10	Bezzone et al. (2020) ⁽²³⁾ Espanha	Estudo transversal observacional Nível 4 de evidência	246 crianças de 0 a 5 anos	Cerca de 30% das crianças avaliadas apresentaram risco no desenvolvimento, influenciado por fatores sociais e ambientais. O baixo nível de escolaridade paterno e a falta de emprego dos pais estão associados a esse risco. Práticas parentais inadequadas, como não interpretar sinais da criança ou não estimular com brincadeiras, aumentam esse risco.
11	Xihong et al. (2020) ⁽²⁴⁾ China	Estudo de coorte prospectivo Nível 4 de evidência	976 crianças de 0 a 48 meses	A má qualidade parental foi associada com a suspeita de atraso no desenvolvimento infantil.
12	Bizzego et al. (2020) ⁽²⁵⁾ Itália	Estudo transversal Nível 4 de evidência	25.048 crianças de 2 a 5 anos	A intervenção parental positiva precoce pode promover a maturação cerebral, favorecendo o desenvolvimento cognitivo e social da criança. Além disso, seus efeitos neurais podem contribuir para a prevenção de problemas de comportamento e gerar benefícios psicossociais duradouros na infância.
13	Nolvi et al. (2020) ⁽²⁶⁾ Alemanha	Estudo longitudinal Nível 2 de evidência	53 crianças de 0 a 5 anos	O maior volume cerebral total neonatal foi associado ao comportamento parental materno afetivo e positivo em quase todos os domínios cognitivos dos 2 aos 5 anos de idade.

Continua

Código	Autores/ano/país	Tipo de estudo e nível de evidência	Tamanho e idade da amostra	Principais resultados
14	Neppl et al. (2020) ⁽²⁷⁾ Estados Unidos	Estudo longitudinal Nível 2 de evidência	559 crianças de 1 a 13 anos	A exposição das crianças às agressões dos pais em casa foi associada a habilidades verbais reduzidas e mais problemas comportamentais. Ademais, as associações negativas são semelhantes para meninos e meninas, mais fortes para crianças de 5 anos e para famílias com mães menos escolarizadas.
15	Berthelon et al. (2020) ⁽²⁸⁾ Chile	Estudo longitudinal observacional Nível 2 de evidência	4.073 crianças de 6 a 83 meses	A exposição das crianças às agressões dos pais em casa foi associada à redução das habilidades verbais e a mais problemas comportamentais ao longo da vida.
16	Oosterom et al. (2020) ⁽²⁹⁾ Holanda	Estudo longitudinal observacional Nível 2 de evidência	120 crianças de 18 meses a 6 anos	Os resultados destacam o impacto que fatores de risco perinatais, como prematuridade e comportamentos parentais negativos na primeira infância, têm sobre o desenvolvimento de problemas de comportamento na idade escolar precoce.
17	Fernandes et al. (2021) ⁽³⁰⁾ Portugal	Estudo transversal descritivo Nível 4 de evidência	143 crianças de 0 a 17 anos	O emprego da parentalidade positiva em relação ao medo das crianças permitiu não só compreender a dimensão do problema, como também desenvolver práticas parentais sensíveis e adequadas, promovendo um desenvolvimento emocional infantil ideal, no que tange aos medos das crianças.
18	López et al. (2021) ⁽³¹⁾ Espanha	Estudo coorte longitudinal prospectivo Nível 4 de evidência	2.266 crianças de 3 a 6 anos	A associação entre traços psicopáticos parentais e problemas de conduta infantis foi evidenciada, sendo que pais com altos níveis de neuroticismo, ao adotarem estilos parentais negligentes, tiveram filhos com mais problemas de conduta aos 5-6 anos.
19	Richmond et al. (2021) ⁽³²⁾ Austrália	Estudo transversal observacional Nível 4 de evidência	145 crianças de 0 a 8 anos	A variação no comportamento materno de forma negativa está associada a uma pior organização estrutural das redes cerebrais em crianças.
20	Souza et al. (2021) ⁽³³⁾ Brasil	Revisão sistemática Nível 1 de evidência	37 estudos foram selecionados e as crianças foram avaliadas dos 0 a 13 anos	Os resultados indicaram forte relação entre as diferentes práticas parentais e as funções executivas dos filhos, sugerindo a influência da parentalidade no desenvolvimento executivo durante a infância.
21	Alves et al. (2021) ⁽³⁴⁾ Brasil	Revisão integrativa da literatura Nível 5 de evidência	13 artigos analisaram crianças de 0 a 13 anos	O estilo parental associado ao melhor desenvolvimento socioemocional em crianças é o autoritativo. Nele, destaca-se que a afetividade e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de limites usando reforços positivos têm

Continua

Código	Autores/ano/país	Tipo de estudo e nível de evidência	Tamanho e idade da amostra	Principais resultados
				maior impacto nas habilidades socioemocionais do que o rigor comportamental evidenciado na parentalidade autoritária.
22	Fang et al. (2021) ⁽³⁵⁾ Holanda	Análise transversal dos dados iniciais de um estudo de coorte prospectivo Nível 4 de evidência	938 crianças de 0 a 7 anos	Níveis mais altos de comportamentos parentais assertivos foram associados a menor estresse parental, menos problemas de comportamento infantil, melhor comportamento alimentar, melhor saúde geral dos pais e da criança, além de maior nível de apoio social, resultando em impactos positivos no desenvolvimento infantil.
23	Black (2021) ⁽³⁶⁾ Estados Unidos	Estudo de coorte prospectivo Nível 4 de evidência	4.789 crianças de 0 a 15 anos	Maior apoio do parceiro à mãe durante a infância e criação dos filhos foi associado a melhores comportamentos emocionais (externalização e internalização) nas crianças.
24	Ochi et al. (2021) ⁽³⁷⁾ Japão	Pesquisa longitudinal de base populacional Nível 2 de evidência	53.575 crianças acompanhadas desde o nascimento até 5 anos	O maior número de horas paternas de cuidado infantil, tanto nos dias de semana quanto nos fins de semana na primeira infância, teve um efeito protetor sobre os problemas comportamentais aos 5 anos de idade.
25	Martins et al. (2022) ⁽³⁸⁾ Portugal	Estudo transversal Nível 4 de evidência	347 crianças entre 10 e 36 meses	Os resultados mostram a existência de correlações positivas entre o desenvolvimento socioemocional e as dimensões da parentalidade positiva.
26	Murphy et al. (2022) ⁽³⁹⁾ Estados Unidos	Estudo de coorte longitudinal prospectivo Nível 2 de evidência	1.015 crianças de 6 a 90 meses	Para os filhos de pais praticantes de uma parentalidade positiva, houve diminuição no relato dos professores sobre sintomas emocionais infantis negativos ao longo do tempo e previu menos sintomas emocionais negativos na 5ª série.
27	Ward et al. (2022) ⁽⁴⁰⁾ Estados Unidos	Estudo transversal Nível 4 de evidência	218.824 crianças entre 3 e 4 anos	Esforços devem ser empregados para reduzir comportamentos parentais agressivos e promover a parentalidade positiva entre cuidadores em países de baixa e média renda, visto que impactam negativamente no desenvolvimento emocional infantil.
28	Vásquez et al. (2022) ⁽⁴¹⁾ Uruguai	Estudo transversal Nível 4 de evidência	4.693 crianças entre 0 e 79 meses	A personalidade materna e a sintomatologia depressiva estavam negativamente associadas às práticas parentais.
29	Miller et al. (2022) ⁽⁴²⁾ Canadá	Estudo prospectivo e observacional de coorte Nível 4 de evidência	146 crianças de 0 a 3 anos	O maior apoio materno influenciou significativamente os valores de anisotropia fracional cortical (análise quantitativa usada para demonstrar a densidade e mielinização das fibras que compõem a substância branca do cérebro) e

Continua

Código	Autores/ano/país	Tipo de estudo e nível de evidência	Tamanho e idade da amostra	Principais resultados
30	Hamel et al. (2023)(43) Canadá	Estudo transversal observacional Nível 4 de evidência	32 bebês de 1 a 42 meses	e melhor desenvolvimento cognitivo na infância. A parentalidade autoritativa está positivamente ligada ao desenvolvimento socioemocional infantil. Além disso, o familismo (ideologia que prioriza a família) está associado à parentalidade positiva.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

DISCUSSÃO

Os resultados desta revisão evidenciaram que a parentalidade, os estilos e as práticas parentais têm o potencial de influenciar, de várias formas, os resultados do neurodesenvolvimento na primeira infância. O comportamento parental e os traços de personalidade dos cuidadores desempenham um papel fundamental no desenvolvimento infantil, afetando aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança, com impactos que podem perdurar ao longo da vida. Estudos indicam que práticas parentais negativas podem não apenas influenciar o comportamento infantil, mas também modular interações entre predisposições genéticas e ambientais, contribuindo para padrões de comportamento disfuncionais na vida adulta⁽⁴⁴⁾.

A parentalidade pode ser considerada a principal responsabilidade dos pais, que devem preparar os filhos para lidar com desafios físicos, econômicos e psicossociais que enfrentarão durante a vida⁽⁴⁴⁾. Tendo isso em vista, cada vivência experienciada na infância estimula uma via neural, gerando um sinal químico fortalecido pela repetição, tornando-se resiliente à poda neuronal e integrando permanentemente a estrutura cerebral.

Isso significa que uma criança exposta a estímulos adequados desenvolve uma rede sináptica mais densa e complexa do que aquela em um ambiente menos estimulante. Dessa maneira, as experiências vividas na infância moldam a cognição, o controle motor e a eficiência das sinapses, afetando diretamente o processamento de informações e a natureza das conexões sinápticas. Experiências negativas, ao contrário, quando vividas repetidamente ou de alta intensidade – como privações, abusos, perdas, violência e negligência –, aumentam significativamente o estresse tóxico, fato que repercute no aumento de radicais livres, na produção aumentada de mediadores inflamatórios, os quais favorecem o surgimento de diferentes condições – tais como o atraso no neurodesenvolvimento, construção do caráter e personalidade – na infância até a idade adulta, como depressão, outros transtornos psiquiátricos e, ainda, doenças neurodegenerativas^(45,46,49,50).

Nesse contexto, práticas parentais positivas são essenciais para um ambiente familiar saudável, promovendo competências emocionais, sociais e cognitivas. Entretanto, abordagens negativas podem prejudicar o desenvolvimento, resultando em baixa autoestima, dificuldades inter-

peçoais e maior vulnerabilidade a transtornos mentais^(2,46,47,53). A efetividade das práticas parentais está inserida em estilos parentais específicos que expressam o ambiente emocional criado pelos pais. Esses estilos abrangem não apenas atitudes, mas também formas de comunicação não verbal, como o tom de voz, expressões faciais e linguagem corporal^(47,48,52,54,55).

Evidências de estudos longitudinais e transversais apontam que o sofrimento psicológico dos pais, especialmente das mães, afeta sua responsividade e disponibilidade emocional. Um estudo de coorte nos Estados Unidos revelou que o apoio do parceiro no período do nascimento promove o bem-estar da mãe e influencia positivamente o desenvolvimento emocional da criança, favorecendo trajetórias mais saudáveis de comportamento internalizante e externalizante⁽⁴⁹⁾. Paralelamente, pais sob estresse demonstram menor envolvimento, maior irritabilidade e distanciamento emocional, o que pode comprometer as interações com os filhos, reduzir a sensibilidade parental e impactar negativamente no desenvolvimento infantil⁽⁴⁶⁾.

Estudo transversal realizado no Uruguai reforça a associação entre depressão materna e prejuízos no desenvolvimento cognitivo, motor e socioemocional das crianças. A falta de responsividade e a indisponibilidade emocional materna criam ambientes hostis, com menor estimulação e suporte, prejudicando o desenvolvimento infantil⁽⁵⁰⁾.

A personalidade parental também emerge como um fator relevante. Uma revisão brasileira identificou que características como extroversão, amabilidade e estabilidade emocional estão associadas ao estilo parental autoritativo, caracterizado por afeto, disciplina e suporte emocional.

Por outro lado, altos níveis de neuroticismo e baixa abertura à experiência foram relacionados a estilos mais autoritários ou permissivos, associados a menor controle, baixa afetividade e fragilidades na imposição de limites⁽¹⁾.

Além disso, diferenças entre os papéis maternos e paternos foram observadas. A extroversão influencia mais a paternidade, favorecendo envolvimento em atividades lúdicas, enquanto a amabilidade tem maior impacto na maternidade, promovendo cuidados sensíveis e responsivos. O neuroticismo parental, por sua vez, afeta o humor e as frustrações diárias, interferindo diretamente nas práticas parentais⁽¹⁾.

Compreender esses fatores permite elucidar porque alguns pais demonstram maior facilidade em se conectar, cuidar e brincar com os filhos, enquanto outros se mostram mais inibidos e inseguros. Filhos de pais com maior estresse, menor escolaridade e menor apoio social tendem a apresentar prejuízos emocionais, enquanto aqueles cujos pais apresentam características como empatia, estabilidade emocional e maior envolvimento mostram ganhos no desenvolvimento cognitivo e emocional^(1,46,47,49,52,53,54,55). Os estudos também apontam que interações parentais positivas estão associadas à maior competência social, menor hostilidade e menos problemas de internalização. O estilo parental autoritativo mostrou-se favorável à competência emocional, enquanto o estilo permissivo foi relacionado a dificuldades na regulação emocional e menor maturidade^(1,46,47,49,52,53,54,55).

A sensibilidade materna, especialmente em crianças nascidas pré-termo, demonstrou impacto significativo no desenvolvimento cognitivo, da linguagem e

na neuroplasticidade cortical, além de estar associada à maturação da substância branca e ao aumento da eficiência funcional cerebral. Ambientes familiares estimulantes correlacionam-se positivamente com o desenvolvimento das funções executivas, essenciais para a resolução de problemas e tomada de decisões⁽⁵⁷⁾. O comportamento parental positivo também foi associado a alterações estruturais cerebrais, como o afinamento cortical acelerado em regiões associadas à regulação emocional e cognição. Por outro lado, comportamentos parentais negativos, como os observados em estilos autoritários hostis, estão relacionados à menor eficiência de redes neurais e maior risco para psicopatologias ao longo da vida⁽⁴⁵⁾.

Dessa maneira, tendo em vista os estudos apresentados, analisar os fatores que interferem nas práticas e estilos parentais e as possíveis influências no desenvolvimento infantil pode fornecer insights que permitem perceber porque alguns pais se envolvem, brincam e cuidam com mais facilidade, além de se sentirem mais íntimos dos filhos, enquanto outros podem se sentir mais retraídos, inibidos e inseguros durante essa interação. Pode-se afirmar que filhos de pais com menor escolaridade, maior neuroticismo, expostos a um maior estresse parental e expostos a pais com menos apoio social tendem a apresentar desenvolvimento emocional prejudicado. Em contraste, pais com vantagens sociais, com altos níveis de extroversão e empatia, com maior estabilidade socioemocional e maior apoio social demonstram maior atenção no desenvolvimento cognitivo das crianças, aprimorando seu conhecimento por meio de métodos científicos, proporcionando, assim, mais oportunidades para interações sen-

síveis e positivas^(1,46,47,49,52,53,54,55).

Pode-se perceber nesses estudos que as crianças cujas interações com os pais foram caracterizadas por interações positivas mostraram altos níveis de competência social e diminuição de hostilidade e problemas de internalização. Ademais, há de se reforçar que associações positivas foram encontradas entre o estilo parental autoritativo e a competência emocional, o que sugere que a parentalidade autoritativa exerce papel crucial no desenvolvimento das emoções. Por fim, foram identificadas associações negativas entre um estilo parental permissivo, em que filhos de pais permissivos têm mais dificuldade na regulação emocional e são menos propensos a desenvolver maturidade emocional e autorregulação^(1,46,47,49,52,53,54,55).

Somado a isso, pesquisadores concluíram que a sensibilidade materna, ou seja, a capacidade de a mãe perceber e inferir o significado por trás dos sinais comportamentais do filho é um fator determinante no desenvolvimento cognitivo e de linguagem aos 3 anos de idade, especialmente em crianças nascidas pré-termo. Além disso, o estudo apontou que o comportamento materno de apoio e responsivo está associado a uma melhor maturação da substância branca e neuroplasticidade cortical infantil e, consequentemente, a melhores resultados cognitivos em idade escolar. Um ambiente familiar cognitivamente estimulante tem sido associado a uma melhor função executiva (FE) da criança. As FEs são as habilidades mentais avançadas, responsáveis por manter, gerenciar, planejar e otimizar informações, permitindo que as pessoas resolvam problemas, tomem decisões e alcancem objetivos específicos.

Recomenda-se que intervenções capazes de promover maior sensibilidade não só da mãe, mas de pais e outros responsáveis e estimular um vínculo saudável entre eles, devam ser implementadas de forma precoce e oportuna, para que as crianças possam atingir todo o seu potencial⁽⁵⁷⁾.

Os resultados confirmam a hipótese de que a parentalidade positiva (calorosa e solidária) influencia positivamente no desenvolvimento da criança e tem sido associada a alterações na estrutura cerebral, incluindo afinamento cortical acelerado em várias regiões do cérebro. Em contrapartida, o comportamento parental negativo (por exemplo, estilo parental autoritário – controlador, agressivo e hostil) tem sido associado ao aumento do risco de psicopatologia ao longo da vida e ao afinamento cortical atenuado. Com base na análise da espessura cortical, que fornece uma fonte complementar de informações de neurodesenvolvimento, o estudo demonstrou que altos níveis de comportamentos afetivos maternos negativos foram associados à diminuição da eficiência da rede local em crianças, enquanto altos níveis de comportamentos afetivos maternos positivos foram associados ao aumento da eficiência local. Por fim, a influência de fatores ambientais no cérebro em desenvolvimento tende a ser mais forte durante os períodos sensíveis (ex.: primeira infância), quando as propriedades neuronais são particularmente mais receptivas à aquisição de certos tipos de informação e suscetíveis à modificação pela experiência⁽⁴⁵⁾.

Isso posto, a fim de criar um ambiente propício para o cultivo de um desenvolvimento infantil saudável, é crucial que o estilo de parentalidade seja assertivo e sensível às necessidades específicas da

criança, podendo-se afirmar que a utilização de práticas educativas positivas está associada a menores índices de problemas de desenvolvimento. De maneira oposta, o uso de práticas educativas negativas se associou à maior incidência de problemas de comportamento tanto internalizantes quanto externalizantes e que tais desfechos se tornam cada vez mais difíceis de serem revertidos após os primeiros anos de vida. Logo, para garantir que uma criança seja um adulto psicologicamente saudável, os pais devem ter a capacidade de atender às necessidades emocionais dos filhos, visando promover para eles um padrão de desenvolvimento saudável^(2,44,45,54,55,57,58,59).

A enfermagem desempenha papel crucial no apoio ao desenvolvimento da parentalidade, atuando como uma ponte essencial entre os pais e a jornada inicial da parentalidade. Ao longo do ciclo da gravidez, parto e pós-parto, os profissionais de enfermagem desempenham uma missão multifacetada, oferecendo suporte emocional, educacional e físico⁽⁵⁹⁾. Durante a gravidez, enfermeiras obstétricas são essenciais na educação parental, fornecendo informações sobre cuidados pré-natais, planejamento do parto e técnicas de amamentação. Durante o parto, a presença e a assistência da equipe de enfermagem são fundamentais para garantir um ambiente seguro e apoiador. No pós-parto, as enfermeiras auxiliam os pais nas questões práticas, como os cuidados com o recém-nascido, amamentação e adaptação às mudanças na dinâmica familiar. Seja no ambiente hospitalar, ambulatorial, seja domiciliar, a enfermagem contribui para fortalecer as habilidades parentais e promover o bem-estar da família⁽⁵⁹⁾.

Além disso, a enfermagem deve

prestar um apoio contínuo na promoção da parentalidade saudável ao longo do desenvolvimento da criança. Os profissionais de enfermagem na atenção primária são imprescindíveis para fornecer orientações sobre marcos de desenvolvimento, nutrição infantil, vacinação e medidas preventivas de saúde. Eles são aliados importantes na identificação precoce de possíveis desafios parentais, como depressão pós-parto, oferecendo suporte emocional e encaminhamento para intervenções especializadas, quando necessário. Assim, os profissionais de enfermagem atuam integralmente e holisticamente no apoio à parentalidade, contribuindo para o crescimento saudável e para a resiliência das famílias⁽⁶⁰⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parentalidade e os estilos parentais influenciam profundamente o desenvolvimento infantil, afetando aspectos cognitivos, sociais e emocionais. Os resultados desta revisão confirmam que práticas parentais positivas estão associadas a melhores desfechos para a criança, enquanto práticas negativas podem levar a desafios comportamentais e dificuldades na regulação emocional.

Intervenções parentais devem se concentrar na construção do vínculo afetivo, no respeito mútuo e na definição de limites, indo além da perspectiva de formação de indivíduos mais produtivos economicamente. No Brasil, o papel do enfermeiro é fundamental para promover avaliação e orientação parental, especialmente nas consultas de crescimento e desenvolvimento. Isso contribui de maneira integral para a saúde da criança e da família, respeitando as particularidades de cada contexto.

Em termos de políticas públicas, esta revisão reforça a necessidade de investir em programas que abordem a educação parental e promovam ambientes familiares mais saudáveis. Isso pode incluir treinamentos para pais em escolas, centros de saúde e espaços comunitários, além da colaboração entre diferentes setores, como saúde, educação e assistência social.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se a predominância de estudos centrados em mães, reforçando a necessidade de pesquisas que incluam também o papel paterno e outros cuidadores na parentalidade. Ademais, há uma escassez de estudos que observem diretamente a interação da criança com seu ambiente, sem depender exclusivamente das informações fornecidas pelos responsáveis. Recomenda-se que pesquisas futuras explorem a sensibilidade parental em diferentes momentos da infância, especialmente nas fases críticas do desenvolvimento neural.

Além disso, os estudos revisados são majoritariamente conduzidos em países ocidentais, de alta renda e com perfis demográficos homogêneos. Assim, há uma necessidade urgente de investigações que analisem as práticas parentais em diferentes contextos culturais, econômicos e sociais, ampliando a validade e a generalização dos resultados.

REFERÊNCIAS

1. Silva MLL, Vieira ML. Relações entre a parentalidade e a personalidade de pais e mães: uma revisão integrativa da literatura. *Estud Pesqui Psicol* [Internet]. 2018 [citado em 12 jan. 2023];18(1):361-83. DOI: 10.12957/epp.2018.38125. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/>

revispsi/article/view/38125.

2. Neel MLM, Stark AR, Maitre NL. Parenting style impacts cognitive and behavioural outcomes of former pre-term infants: a systematic review. *Child Care Health Dev* [Internet]. 2018 [cited 2022 Aug 13];44(4):507-15. Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6005730/>.

3. Altafim ERP, Souza M, Teixeira L, Brum D, Velho C. O cuidado integral e a parentalidade positiva na primeira infância [Internet]. Brasília, DF: Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef); 2018 [citado em 13 ago. 2023]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/biblioteca>.

4. Petrucci W, Callegaro Borsa G, Koller J, et al. A família e a escola no desenvolvimento socioemocional na infância. *Temas Psicol* [Internet]. 2018 [citado em 19 ago. 2022];24(2):391-402. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513754278001.pdf>.

5. Baumrind D. Current patterns of parental authority. *Dev Psychol* [Internet]. 1971 [cited 2022 May 18];4(1, Pt.2):1-103. Available in: <https://psycnet.apa.org/record/1971-07956-001>.

6. Maccoby E, Martin J. Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In: Hetherington EM, ed. *Handbook of child psychology*, vol. 4. Socialization, personality, and social development [Internet]. 4th ed. New York: Wiley; 1983 [cited 2023 Jan 15]. p. 1-101.

7. Darling N, Steinberg L. Parenting style as context: an integrative model. *Psychol Bull* [Internet]. 1993 [cited 2022 May 22];113(3):487-96.

8. Broome ME. Integrative literature reviews for the development of concepts. In: Rodgers BL, Knafl KA, editors. *Concept development in nursing: foundations, techniques and applications* [Internet]. Philadelphia (USA): W.B Saunders Company; 2000 [cited 2022 May 22]. p. 231-250. Available in: <https://philpapers.org/rec/KNAC-DI>.

9. American Association of Critical-Care Nurses (AACN). AACN levels of evidence [Internet]. Aliso Viejo, CA: AACN, 2020. Available in: <https://www.aacn.org>.

10. Aromataris E, Lockwood C, Porritt K, Pilla B, Jordan Z, editors. *JBIM Manual for Evidence Synthesis*. JBI; 2024. Available from: <https://synthesismanual.jbi.global>. <https://doi.org/10.46658/JBIMES-24-01>.

Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8(1), 19-32. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>.

11. Page, MJ, et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 2021;372(71):1-9. DOI: 10.1136/bmj.n71.

12. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enferm*. 2008;17(4):738-64. DOI: 10.1590/S0104-07072008000400018.

13. Wall G. "O amor constrói cérebros": representações de apego e desenvolvimento do cérebro infantil em material de educação parental. *Sociology of Health & Illness*. 2018;40(5):817-31. DOI: 10.1111/1467-9566.12632.

14. Woodward K, et al. Correlatos de comportamentos parentais positivos. *Behavior Genetics*. 2018;48(5):337-48, 2018. DOI: 10.1007/s10519-018-9906-2.

15. Silva ML, et al. Relações entre a parentalidade e a personalidade de pais e mães: uma revisão integrativa da literatura. *Psicologia em Pesquisa*. 2018;12(2):45-

53.

16. Gomez J, et al. Parental insightfulness and parenting behavior: a bidimensional analysis of parent contributions to child cognitive outcomes. *Attachment & Human Development*. 2018;20(3):247-66. DOI: 10.1080/14616734.2018.1446734.

17. Olla M, et al. The experience of parents implementing authoritarian parenting for their school-aged children. *Anales de Pediatría*. 2018;88(2):84-90. DOI: 10.1016/S1130-8621(18)30050-05.

18. McDonald S, et al. Adverse maternal childhood experiences, mental health, and child behavior at age 3: the all our families community cohort study. *Preventive Medicine*. 2019;(118):286-94. DOI: 10.1016/j.ypmed.2018.11.013.

19. Neel M, et al. Parenting style affects cognitive and behavioral outcomes of former preterm infants: a systematic review. *Child: Care, Health and Development*. 2019;45(3):340-51. DOI: 10.1111/cch.12561.

20. Jiyang M, et al. Effect of parenting training on neurobehavioral development of infants. *Medical Science Monitor*. 2020;(26):e924457. DOI: 10.12659/MSM.924457.

21. Hattangadi N, et al. Parental stress in early childhood as a risk factor for child mental health at age 3. *BMC Public Health*. 2020;(20):1722. DOI: 10.1186/s12889-020-09861-5.

22. Bezzone N, et al. Estudio del desarrollo infantil temprano y su relación con las prácticas de crianza en contextos de pobreza en la ciudad de Córdoba. *Revista de la Facultad de Ciencias Médicas de Córdoba*. 2020;77(4):278-89. DOI: 10.31053/1853.0605.v77.n4.28449.

23. Xihong W, et al. The effect of parenting quality on child development at 36-48 months in urban China: evidence from a

birth cohort study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2020;17(23):8962. DOI: 10.3390/ijerph17238962.

24. Bizzego A, et al. Children with developmental disabilities in low and middle-income countries: more neglected and physically punished. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2020;17(19):7009. DOI: 10.3390/ijerph17197009.

25. Nolvi S, et al. Neonatal brain volume as a marker of differential susceptibility to parenting quality and its association with early childhood neurodevelopment. *Developmental Cognitive Neuroscience*. 2020;45:100826. DOI: 10.1016/j.dcn.2020.100826.

26. Neppl T, et al. Positive parenting, effortful control, and developmental outcomes in early childhood. *Developmental Psychology*. 2020;56(4):738-49. DOI: 10.1037/dev0000874.

27. Berthelon M, et al. Harsh parenting during early childhood and child development. *Evolution and Human Behavior*. 2020;41(6):498-506. DOI: 10.1016/j.ehb.2019.100831.

28. Oosterom L, et al. Parenting behavior at 18 months predicts internalizing and externalizing problems at age 6 in moderately preterm and full-term children. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2020;17(22):8679. DOI: 10.3390/ijerph17228679.

29. Fernandes R, et al. Significados e representações sociais atribuídos aos medos dos filhos: promoção para a parentalidade positiva. *CUIDARTE*. 2021;12(1):e213. DOI: 10.14198/cuid.2021.61.13.

30. López R, et al. Bidirectional effects between psychopathic traits and conduct problems in early childhood: examining

parenting as a potential mediator. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*. 2021;8(2):1-13. DOI: 10.21134/rpcna.2021.08.2.1.

31. Richmond S, et al. Understanding the neurocognitive mechanisms of parenting: maternal behavior and structural brain network organization in late childhood. *Human Brain Mapping*. 2021;42(6):1626-40. DOI: 10.1002/hbm.25334.

32. Souza W, et al. Relações entre parentalidade e funções executivas: uma revisão sistemática. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 2021;21(2):647-64. DOI: 10.12957/epp.2021.59386.

33. Alves J, et al. Parentalidade e desenvolvimento socioemocional: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*. 2021;7(8):1-15. DOI: 10.51891/rease.v7i8.1967.

34. Fang Y, et al. Parental, child and contextual factors associated with parenting self-efficacy among parents of 0 to 7-year-old children: the CIKEO study. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*. 2021;56:1569-78. DOI: 10.1007/s00127-021-02161-2.

35. Black C. Partner emotional support and child problem behaviors: the indirect role of harsh parenting for young mothers and their children. *Family Process*. 2021;60(4):1276-90. DOI: 10.1111/famp.12663.

36. Ochi M, et al. Paternal care in early childhood and problem behavior in children: a population-based prospective study in Japan. *BMC Pediatrics*. 2021;21(1). DOI: 10.1186/s12887-021-02838-2.

37. Martins S, et al. Parentalidade positiva e sua relação com o desenvolvimento socioemocional em crianças. *Revista Electrónica de Investigación y Postgrado Educativo*. 2022;9:1-17. DOI: 10.17979/reipe.2022.9.0.8908.

38. Murphy Y, et al. The developmental

cascade of early parenting, emerging executive function, and emotional symptoms across childhood. *Infant Mental Health Journal*. 2022;43(2):234-50. DOI: 10.1002/imhj.21913.

39. Ward K, et al. Patterns of aggressive and non-aggressive caregiver discipline toward young children in low- and middle-income countries: a latent class approach. *Child Abuse & Neglect*. 2022;126:105606. DOI: 10.1016/j.chiabu.2022.105606.

40. Vásquez A, et al. Parenting practices, maternal personality, and depressive symptoms in early childhood development. *Infant Behavior and Development*. 2022;67:101701. DOI: 10.1016/j.infbeh.2022.101701.

41. Miller J, et al. Brain development and maternal behavior in relation to cognitive and language outcomes in preterm children. *Biological Psychiatry*. 2022;91(4):372-80. DOI: 10.1016/j.biopsych.2022.03.010.

42. Hamel K, et al. An exploration of parenting styles, cultural values, and child development in a sample of Latin American immigrants in Canada. *Infant Mental Health Journal*. 2023;44(1):24-42. DOI: 10.1002/imhj.22035.

43. Dotterer HL, Vazquez AY, Hyde LW, et al. Elucidating the role of negative parenting in the genetic v. environmental influences on adult psychopathic traits. *Psychol Med [Internet]*. 2021 [cited 2022 Jun 21];53(3):1-11. Available in: <https://www.cambridge.org/core/journals/psychological-medicine/article/elucidating-the-role-of-negative-parenting-in-the-genetic-v-environmental-influences-on-adult-psychopathic-traits/2C257D4956E3D1E9D502876E68F7E3C2>.

44. Richmond S, Beare R, Johnson KA, et al. Towards understanding neurocognitive mechanisms of parenting: mater-

nal behaviors and structural brain network organization in late childhood. *Hum Brain Mapp* [Internet]. 2021 cited 2022 Aug 18];42(6):1845-1862. Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7978130/>.

45. Hattangadi N, Cost KT, Birken CS, et al. Parenting stress during infancy is a risk factor for mental health problems in 3-year-old children. *BMC Public Health* [Internet]. 2020 [cited 2022 Set 21];20(1). Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7670792/>.

46. Fang Y, Grieken A van, Fierloos IN, et al. Parental, Child and socio-contextual factors associated with parenting self-efficacy among parents of children aged 0-7 years old: the CIKEO Study. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol* [Internet]. 2021 [cited 2022 Out 20];57(3):623-32. Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8934325/>.

47. Murphy YE, Zhang X, Gatzke-Kopp L. The Developmental cascade of early parenting, emergence of executive functioning, and emotional symptoms across childhood. *Infant Ment Health J* [Internet]. 2021 cited 2022 May 21];21(5). Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8154714/>.

48. Black CFD. Partner Emotional Support and child problem behaviors: the indirect role of harsh parenting for young mothers and their children. *Fam Process* [Internet]. 2021 cited 2022 Nov 20];63(4). Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8812210/>.

49. Vásquez-Echeverría A, Alvarez-Núñez L, Gonzalez M, et al. Role of parenting practices, mother's personality and depressive symptoms in early child development. *Infant Behav Dev* [Internet]. 2022 [cited 2022 May 3];67(1):101701. Available

in: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0163638322000157?via%3Dihub>.

50. Silva R, Kaulfuss MA. A importância da família na educação infantil. *Rev Cient Eletrônica Ciências Aplic FAIT – Pedagogia* [internet]. [citado em 16 nov. 2022]. Disponível em: <http://fait.revista.inf.br/site/e/pedagogia-6-edicao-maio-de-2015>.

51. Greene CA, Haisley L, Wallace C, et al. Intergenerational effects of childhood maltreatment: a systematic review of the parenting practices of adult survivors of childhood abuse, neglect, and violence. *Clin Psychol Rev* [Internet]. 2020 [cited 2022 Aug 24];80(1):101891. Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7476782/>.

52. Chamberlain C, Gee G, Harfield S, et al. Parenting after a history of childhood maltreatment: a scoping review and map of evidence in the perinatal period. *PLoS One* [Internet]. 2019 [cited 2022 Set 6];14(3):e0213460. Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6415835/>.

53. McDonald SW, Madigan S, Racine N, et al. Maternal adverse childhood experiences, mental health, and child behaviour at age 3: the all our families community cohort study. *Prev Med* [Internet]. 2019 [cited 2022 Jul 28];118(3):286-94. Available in: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S009174351830358X?via%3Dihub>.

54. Mortazavizadeh Z, Göllner L, Forstmeier S. Emotional competence, attachment, and parenting styles in children and parents. *Psicol Reflex Crit* [Internet]. 2022 [cited 2022 Oct 18];35(1). Available in: <https://www.scielo.br/j/prc/a/FNP6mrFrnc-TkWQLZFDNMfMk/?lang=en>.

55. Fernandes R, Mendes A, Ferreira J,

et al. Significados Y representaciones sociales atribuidos a los miedos de los hijos: promoción de la parentalidad positiva. Cult Cuid [Internet]. 2021 [citado em 10 jan. 2022];(61). Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/120133/1/Cult-Cuid61_13.pdf.

56. Miller JV, Chau V, Synnes A, et al. Brain development and maternal behavior in relation to cognitive and language outcomes in preterm-born children. Biol Psychiatry [Internet]. 2022 [cited 2022 May 5];12(1). Available in: [https://www.biologicalpsychiatryjournal.com/article/S0006-3223\(22\)01129-5/fulltext#intraref0005](https://www.biologicalpsychiatryjournal.com/article/S0006-3223(22)01129-5/fulltext#intraref0005).

57. Oosterom L, Bogičević L, Verhoeven M, et al. Parenting behavior at 18 months predicts internalizing and externalizing problems at 6 years in moderately

preterm and full term children. Int J Environ Res Public Health [Internet]. 2020 [cited 2022 Jun 11];17(22):8679. Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7700126/>.

58. Tralhão F, Rosado AF, Gil E, Amendoeira JA, Ferreira R, Silva M. A família como promotora da transição para a parentalidade. Rev UI IPSantarém [Internet]. 2020 [citado em 12 nov. 2023];8(1):17-30. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/19874/15100>.

59. Reticena KO, Yabuchi VN, Gomes MFP, et al. Role of nursing professionals for parenting development in early childhood: a systematic review of scope. Rev Lat Am Enfermagem [Internet]. 2019 [cited 2023 Nov 12];27(1). Available in: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6896803/>.

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho da pesquisa: GTCV, DASS

Obtenção de dados: GTCV, DASS

Análise e interpretação dos dados: GTCV, DASS

Redação do manuscrito: GTCV, DASS, GCVR

Revisão crítica do manuscrito quanto ao conteúdo intelectual: DASS, JOM, SRO

Editores responsáveis:

Patrícia Pinto Braga – Editora-chefe

Liliane de Lourdes Teixeira Silva – Editora científica

Nota:

Não houve financiamento por agência de fomento.

Recebido em: 17/04/2024

Aprovado em: 23/06/2025

Como citar este artigo:

Vaccarezza GTC, Simão DAS, Rocha GCV, et al. Influência da parentalidade, estilos e práticas parentais no desenvolvimento infantil: revisão integrativa. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro. 2026;16:e5406. [Access_____]; Available in:_____. DOI: <http://doi.org/10.19175/recom.v16i0.5406>.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License.